

A conversão da dívida pode ser suspensa

Acusada de inflacionária, por pressionar a expansão da base monetária, a conversão da dívida externa em investimentos deverá sofrer mesmo algumas medidas de contenção por parte do governo, mas isso não implicará uma revisão do acordo assinado com os bancos credores internacionais. Se necessário, as operações de conversão poderão até mesmo ser suspensas. Estas explicações foram dadas ontem, em Brasília, por Sérgio Amaral, secretário de Assuntos Internacionais do ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega.

Ele informou que o governo estuda medidas para redução das conversões formais (feitas através de leilões em Bolsas de Valores) e informais (no mercado). Em cada operação, os títulos brasileiros são trocados por cruzados junto ao Banco Central, o que obriga o governo a emitir dinheiro para honrar o compromisso.

Para se ter uma idéia de quanto dinheiro é injetado na economia dessa maneira, Amaral informou que em 88 cerca de US\$ 5 bilhões serão convertidos, o que representa quase Cr\$ 3 trilhões. Essa enorme quantia gera uma expansão monetária que os técnicos do governo consideram inflacionária. Sérgio Amaral disse que o acordo com os bancos prevê a conversão de US\$ 1,8 bilhão, mas somente a partir de outubro/89 e sem deságio (desconto). O secretário afirma que naquela época a conversão não trará problemas, uma vez que a expansão da base monetária deverá estar sob controle.

Outra informação de Amaral: durante a reunião dos ministros de Finanças do Grupo dos Oito, nos dias 11 e 12 de dezembro, no Rio de Janeiro, o governo brasileiro vai propor a troca de parte da dívida externa por **commodities** (produtos primários de larga aceitação internacional). Também serão apresentadas outras propostas para a redução do estoque (valor do

principal) das dívidas externas dos sete países latino-americanos que integram o grupo (o oitavo, o Panamá, está afastado), muitas envolvendo a securitização (transformação em novos títulos, com desconto).

O secretário explicou que coube ao Brasil relacionar os mecanismos para a redução dos estoques da dívida porque sediará o encontro. O principal objetivo da reunião será a obtenção de uma posição comum em relação à redução dos valores das dívidas externas do continente. Amaral observou, no entanto, que a diminuição dos estoques é uma posição que o Brasil assumiu antes do assunto ter evoluído para o Grupo dos Oito.

A redução foi definida por Amaral como a quarta etapa do processo de renegociação da dívida externa brasileira. A terceira foi encerrada há pouco, com o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, fechando acordos com o Fundo Monetário Internacional, bancos credores e agências oficiais de créditos dos países credores (Clube de Paris).

O secretário previu que todo o ano de 1989 será dedicado, pelo Brasil, ao encaminhamento de discussões em torno da redução do estoque da dívida. Previu que não devem ocorrer avanços significativos, mas que o sucessor do presidente Sarney deverá assumir o governo com os caminhos já delineados para a redução da dívida.

Amaral lembrou ainda que muitas propostas para a redução da dívida dos países do Terceiro Mundo foram apresentadas nos últimos anos. Por isso, o Grupo dos Oito apenas tentará relacionar as melhores propostas. Outra proposta de redução da dívida que deverá ser muito discutida pelos sete ministros é a do presidente da França, François Mitterrand: criação de um fundo internacional que viabilizaria o aumento do processo de securitização.